

Antonio de Padua Almeida e João Carlos Thomé

São, respectivamente, presidente do Conselho de Unidades de Conservação da Foz do Rio Doce e coordenador Nacional do Centro Tamar. Ambos são, ainda, analistas ambientais do ICMBio

Áreas pantanosas foram drenadas e ocupadas por pastagens, diminuindo o nível dos aquíferos

Precisamos fechar os ralos

A Planície Costeira do Rio Doce abrange 3.000 km² da costa Norte do Espírito Santo, de Aracruz a Conceição da Barra, e abriga diversos ambientes (a Mata de Aluvião, as restingas e as veredas, que interligam várias lagoas). Brejos e pântanos cobriam grande parte da planície, que é, portanto, uma imensa região acumuladora de água, que vem sendo desperdiçada.

As intervenções humanas de gran-

de escala começaram no século passado, com a abertura de uma foz artificial (a Barra Nova, em São Mateus) no Rio Mariricu, que nasce na lagoa de Suruaca. Décadas mais tarde, foi aberta uma comunicação entre a Suruaca e o Rio Ipiranga, que deságua no mar em Barra Seca, em Linhares.

Em meados do século passado, as áreas pantanosas foram drenadas

pelo governo federal e ocupadas por pastagens. Essas intervenções diminuíram o nível dos aquíferos, ocasionando a salinização de rios e canais, e a acidificação de solos, ricos em enxofre.

A atual salinização da água em São Mateus reflete essas intervenções, e pode ser revertida. Da mesma forma, a diminuição dos aquíferos pode estar intensificando os efeitos da seca em áreas distantes do litoral, como Sooretama, Vila Valério e Jaguaré, uma vez que a água que percola os solos encontra caminho livre até o mar.

A lagoa Suruaca formava uma barreira ao escoamento da água que vem das regiões mais altas. Parte da água

acumulada na planície retornava para aquelas regiões, através da evaporação e dos ventos marinhos que levam a umidade para toda a região Norte do Estado, ocupada pela Mata Atlântica mais exuberante do país.

Para reverter o quadro, será necessário restabelecer as barreiras antes existentes entre a Suruaca e o Ipiranga, e talvez entre o Mariricu e o mar, em Barra Nova. O Mosaico de Unidades de Conservação da Foz do Rio Doce propõe a realização urgente de um seminário técnico, envolvendo profissionais de diversas áreas, que aponte as ações necessárias sob uma ótica coletiva. Caso contrário, continuaremos jogando fora a água das chuvas, cada vez mais escassas.